

A metáfora como factor de textualidade em *Ensaio Sobre a Lucidez* de José Saramago

Olívia Maria Figueiredo
oliviaf@letras.up.pt

Universidade Do Porto - Portugal
Faculdade De Letras

Resumo

A Metáfora como Factor de Textualidade é uma reflexão sobre o modo como o sistema da língua se operacionaliza no discurso. Neste caso concreto, como é que na obra literária *Ensaio sobre a Lucidez* as expressões idiomáticas (expressões compósitas) são transformadas de novo em expressões metafóricas (expressões componenciais). A incidência da análise focaliza-se na apreciação de como a expressão idiomática reganha a sua energia criadora e o impulso primeiro que a pôs em circulação. Tendo por fundamento as teorias da anáfora (ampliada) e da reconceptualização, mostra-se que tal reconversão se vai fazendo ao longo da obra num processo de ampliação do enfoque cognitivo de que o recurso às implicaturas é um traço necessário para a compreensão das explicaturas. O que é preciso é que o leitor seleccione o contexto oportuno para pertinentemente entender o sentido comunicado. E o sentido comunicado não é mais do que a questionação da relação do homem com o mundo por meio da amplitude de cenários metafóricos que só a língua permite instaurar.

Palavras-chave: Metáfora; Expressão idiomática; Anáfora; Reconceptualização.

*Senhor comissário, eu não passo de um
inspector da polícia, que talvez não chegue
nunca a comissário, mas aprendi da experiência
deste ofício que as meias palavras existem para
dizer o que as inteiras não podem,*
(Saramago, 2004: 274)

Ensaio Sobre a Lucidez é um romance de ditos, de palavras meias e inteiras, de ecos, de vozes. De vozes e de pontos de vista de instâncias que não têm o

* Artículo recibido: 15-02-05, Artículo aceptado: 22-05-05

La metáfora como factor de textualidad en *Ensayo sobre la lucidez*, de José Saramago.

Olívia Maria Figueiredo

Universidade do Porto – Portugal
Faculdade de Letras

Resumen

La metáfora como factor de textualidad es una reflexión sobre el modo como el sistema de la lengua se operacionaliza en el discurso. En este caso concreto, como es que en la obra literaria *Ensayo sobre la lucidez* las expresiones idiomáticas (expresiones compósitas) son transformadas de nuevo en expresiones metafóricas (expresiones componenciales). La incidencia del análisis se focaliza en la apreciación de cómo la expresión idiomática recupera su energía creadora y el primer impulso que la pone en circulación.

Teniendo por fundamento las teorías de la anáfora (ampliada) y de la reconceptualización, se muestra que tal reconversión se va haciendo a lo largo de la obra en un proceso de ampliación del enfoque cognitivo de que el recurso a las implicaturas es un trazo necesario para la comprensión de las explicaturas. Es preciso que el lector seleccione el contexto oportuno para entender pertinentemente el sentido comunicado. Y el sentido comunicado no es más que el cuestionamiento de la relación del hombre con el mundo por medio de la amplitud de escenarios metafóricos que sólo la lengua permite instaurar.

Palabras clave: metáfora; expresión idiomática; anáfora; reconceptualización.

*Señor comisario, yo no paso de un
inspector de la policía, que tal vez no llegue nunca
a comisario, pero aprendí de la experiencia de este
oficio que las medias palabras existen para
decir lo que las enteras no pueden.*

Saramago, 2004: 274.

Ensayo sobre la lucidez es una novela de dichos, de palabras medias y enteras, de ecos, de voces. De voces y de puntos de vista de instancias que no tienen el mismo ángulo de visión ni la misma mirada de conciencia sobre los

** Traducción: Julio Daniel Sanabria, Filólogo UN, corrector de estilo de El Tiempo.

mesmo ângulo de visão nem o mesmo olhar de consciência sobre os factos que estão a decorrer sob os seus olhos num certo país imaginário, num dia de eleições e para os quais cada um, personagens e narrador, procura referenciar e avaliar à sua maneira.

Primeiro, porque “não havia na sala um só eleitor”, (Saramago, 2004: 13); depois, porque quando os eleitores se resolveram a ir votar, houve uma significativa votação em branco. Oitenta e três por cento dos votos brancos pôs o poder político em alvoroço e a pensar actuar repressivamente contra aqueles que tiveram o atrevimento de tal loucura, culpando-os da situação “Vós, sim, sois os culpados, vós, sim, sois os que ignominiosamente haveis desertado do concerto nacional para seguirdes o caminho torcido da subversão [...]” (Saramago, 2004: 97).

Romance de tese sobre a fragilidade dos regimes democráticos para resolver situações imponderáveis, como a da grande percentagem dos votos em branco, esta obra, em termos linguísticos, discursivos e estilísticos, espelha de forma original a relação entre tópico das conversas dos vários actores em presença, com destaque para as reflexões de tipo argumentativo e irónico, e as zonas discursivas, lugares de percepções, de pensamentos representados, de crenças e enunciações.

Se é verdade prever que um contexto referencial, aqui a odisseia de um dia de eleições com um resultado surpreendente do voto branco, influi na construção do modelo mental do enunciado, também é razoável esperar que tal contexto possibilite proporcionar a compreensão imediata e mediata das ideias dos enunciadores. Mas é necessário considerar que o contexto linguístico imediato apreende uma só parte do contexto; o contexto cognitivo, situacional, ideológico necessitam, então, de um processamento adicional, no geral de tipo inferencial, de forma a o leitor apreender a outra parte da representação conceptual do enunciado.

A novidade deste romance, em termos discursivos, é o papel de excelência dado às redes metafóricas que pontuam todo o texto. As metáforas apresentam-se como os amplificadores cognitivos que incrementam o perfil de fenómenos cognoscíveis. O recurso original que assegura a progressão romanesca assenta na reavaliação da identidade dos referentes por meio da ênfase na metáfora conceptual e na imagem metafórica como instrumento para conformar a consciência individual. A utilização da metáfora como veículo do tópico, cuja informação só é em parte codificada na informação lexical e sintáctica no enunciado, significa que o processamento metafórico não depende da activação de associações pré-existentes entre os termos do enunciado, mas que tais associações se recriam em virtude da integração de cada nova informação. Isto quer dizer que há sempre uma tensão metafórica entre o tópico e o veículo (por exemplo na metáfora *a mulher é uma rosa*, “mulher” é o tópico e “rosa” é o

hechos que están por transcurrir ante sus ojos en cierto país imaginario, en un día de elecciones y para los cuales cada uno, personaje y narrador, procura referenciar y evaluar a su manera.

Primero, porque “no había un solo elector en la sala” (Saramago, 2004: 13); después, porque cuando los electores resolvieron ir a votar, hubo una significativa votación en blanco. Ochenta y tres por ciento de los votos en blanco puso al poder político en alboroto y a pensar actuar represivamente contra aquellos que tuvieron el atrevimiento de tal locura, culpándolos de la situación. “Vosotros, sí, sois los culpables, vosotros, sí, sois los que ignominiosamente habéis desertado del concierto nacional para seguir el camino torcido de la subversión [...]” (Saramago, 2004:97)

Romance de tesis sobre la fragilidad de los regímenes democráticos para resolver situaciones imponderables, como la del gran porcentaje de los votos en blanco, esta obra, en términos lingüísticos, discursivos y estilísticos, refleja de forma original la relación entre tópico de los diálogos de los varios actores en presencia, con realce de las reflexiones de tipo argumentativo e irónico, y las zonas discursivas, lugares de percepciones, de pensamientos representados, de creencias y enunciaciones.

Si es verdad prever que un contexto referencial –aquí la odisea de un día de elecciones con el sorprendente resultado del voto en blanco– influye en la construcción del modelo mental del enunciado, también es razonable esperar que tal contexto posibilite proporcionar la comprensión inmediata y mediata de las ideas de los enunciadores. Pero es necesario considerar que el contexto lingüístico inmediato aprehende una sola parte del contexto; el contexto cognitivo, situacional, ideológico necesita, entonces, de un procesamiento adicional, en general de tipo inferencial, de forma que el lector aprehende la otra parte de la representación conceptual del enunciado.

La novedad de este romance, en términos discursivos, es el papel de excelencia dado a las redes metafóricas que puntúan todo el texto. Las metáforas se presentan como los amplificadores cognitivos que incrementan el perfil de fenómenos cognoscibles. El recurso original que asegura la progresión novelesca se asienta en la reevaluación de la identidad de los referentes por medio del énfasis en la metáfora conceptual y en la imagen metafórica como instrumento para conformar la conciencia individual. La utilización de la metáfora como vehículo del tópico, cuya información solo es en parte codificada en la información lexical y sintáctica en el enunciado, significa que el procesamiento no depende de la activación de asociaciones preexistentes entre los términos del enunciado, pero que tales asociaciones se recrean en virtud de la integración de cada nueva información. Esto quiere decir que siempre hay una tensión metafórica entre el

veículo”), dada a sua incompatibilidade semântica. Mas se a propriedade de incompatibilidade provoca tensão entre o tópico e o veículo, a propriedade de cancelamento pacifica o jogo entre ambos, facilitando a inteligibilidade da metáfora de acordo com o campo de referência inerente à comunidade semântica. De facto, as regras do jogo semântico indicam que só algumas propriedades do veículo são aplicáveis ao tópico, enquanto outras características resultam irrelevantes para a compreensão da metáfora. No exemplo dado, no veículo “rosa” interessam algumas propriedades como “a beleza, o cheiro, a cor” e não outras como “os espinhos, as folhas”. A hipótese do cancelamento sustenta que a metáfora é consequência da aplicação parcial de alguns atributos semânticos do veículo ao tópico, enquanto outros atributos são cancelados (Cohen, 1979). Saramago acantona-se nestes dois postulados para daí tirar dividendos: cancela nas metáforas solidificadas alguns atributos já socialmente partilhados e activa e selecciona outros com diferentes graus de proeminência, de acordo com o contexto.

Como pensa D. E. Rumelhart (1979), outorga-se à informação contextual um papel decisivo, mas também aos conhecimentos e crenças de cada um. Sendo que, para G. Achard-Bayle (2001), os universos de crença, ao inscreverem-se na teoria dos mundos possíveis, são uma interpretação subjectiva que resulta da assimilação e categorização da experiência na constituição dos conceitos abstractos. Outros autores, como G. Lakoff e M. Johnson (1980, 1999), já tinham assumido mostrar como boa parte da nossa experiência quotidiana do mundo e das nossas relações sociais estão estruturadas metaforicamente.

Sem pretender teorizar sobre a metáfora, apenas aqui se destaca a ideia de U. Eco (1984: 88) quando diz que a linguagem é por natureza e originariamente metafórica e que é este potencial metafórico que define o homem como animal simbólico. Esta simbologia nos há-de levar a pensar que a linguagem não se limita a reflectir a realidade, mas possibilita a cada um a apreensão de uma variedade de formas de representação recriada e recreada do mundo.

Vejamos então, e tendo por pano de fundo o ambiente romanesco de *Ensaio Sobre a Lucidez*, como é alinhado o fio condutor da narrativa quando sabemos que este romance não se sustenta nas tensões em jogo das coordenadas clássicas das categorias da narrativa (acção, tempo e espaço). Sendo um romance de tese de um postulado de ideias, e dada a presença de crenças que se cruzam e de enunciações que se encadeiam, resta ao leitor-interpretante captar as intenções que estão por detrás de cada enunciação, seja ela expressa de modo directo, indirecto ou irónico. A teoria da intencionalidade de J. Searle (1983), de que o comportamento linguístico humano é intrinsecamente “intencionalista” e de que nos estados mentais se distinguem um conteúdo proposicional e uma força ilocutória, vem na sequência de posições anteriores (Searle, 1979) quando uma

tópico y el vehículo (por ejemplo en la metáfora *la mujer es una rosa*, “mujer” es el tópico y “rosa” es el vehículo), dada su incompatibilidad semántica. Pero si la propiedad de incompatibilidad semántica provoca tensión entre el tópico y el vehículo, la propiedad de cancelamiento pacifica el juego entre ambos, facilitando la inteligibilidad de la metáfora, de acuerdo con el campo de referencia inherente a la comunidad semántica. De hecho, las reglas del juego semántico indican que solo algunas propiedades del vehículo son aplicables al tópico, en cuanto otras características resultan irrelevantes para la comprensión de la metáfora. En el ejemplo dado, en el vehículo “rosa” interesan algunas propiedades como “la belleza, el color” y no otras como “las espinas, las hojas”. La hipótesis de la cancelación sostiene que la metáfora es consecuencia de la aplicación parcial de algunos atributos semánticos del vehículo al tópico, mientras que otros atributos son cancelados (Cohen, 1979). Saramago se acantona en estos dos postulados para así sacar dividendos: anula en las metáforas solidificadas algunos atributos ya socialmente compartidos y activa y selecciona otros con diferentes grados de prominencia, dependiendo del contexto.

Como piensa D.E. Rumelhart (1979), a la información contextual se le otorga un papel decisivo, pero también a los conocimientos y creencias de cada uno. Siendo que, para G. Achard-Bayle (2001), los universos de creencia, al inscribirse en una teoría de los mundos posibles, son una interpretación subjetiva que resulta de la asimilación y la categorización de la experiencia en la constitución de los conceptos abstractos. Otros autores, como G. Lakoff y M. Johnson (1980, 1999), ya habían asumido mostrar cómo buena parte de nuestra experiencia cotidiana del mundo y de nuestras relaciones sociales están estructuradas metafóricamente.

Sin pretender teorizar sobre la metáfora, apenas aquí se destaca la idea de Eco, U. (1984: 88) cuando dice que la lengua es por naturaleza y originalmente metafórica y que es este potencial metafórico el que define al hombre como animal simbólico. Esta simbología nos lleva a pensar que la lengua no se limita a reflejar la realidad, pero le posibilita a cada uno la aprehensión de una variedad de formas de representación recreada y recreada del mundo.

Veamos, entonces, y teniendo por tela de fondo el ambiente novelesco de *Ensayo sobre la lucidez*, cómo es alineado el hilo conductor de la narrativa cuando sabemos que este romance no se sustenta en las tensiones en juego de las coordenadas clásicas de las categorías de la narrativa (acción, tiempo y espacio). Siendo un romance de tesis de un postulado de ideas, y dada la presencia de creencias que se cruzan y de enunciaciones que se encadenan, al lector-interpretante le resta captar las intenciones que están detrás de cada enunciación, sea ella expresada de modo directo, indirecto o irónico. La teoría de la intencionalidad de J. Searle (1983), de que el comportamiento lingüístico humano

década antes afirmava ser o significado linguístico determinado pelo sistema da língua e o significado comunicativo determinado pelo contexto em que se utiliza esse sistema. No essencial, o que se deverá destacar é o significado que o enunciador confere às suas expressões linguísticas concretas em circunstâncias particulares de uso, de acordo com as condições de sinceridade e de satisfação.

Estes princípios pragmáticos vão orientar o leitor no jogo da descoberta de um sistema de implicações que muitas vezes não se baseia no conteúdo semântico da categoria léxica correspondente, mas num sistema de tópicos ligados ao referido, numa atitude de compreender o que é que as personagens e o narrador querem dizer, o que dizem, se dizem mais, ou dizem diferente, do que as suas palavras expressam. Isto vale tanto para as expressões metafóricas Em geral como para as expressões metafóricas convencionais (idiomáticas), expressões irónicas, actos de fala indirectos.

Confinaremos a análise do corpus às expressões idiomáticas, sendo entendidas estas como primitivos semânticos que não se regem pelo princípio da composicionalidade semântica, mas que resultaram de metáforas que, semelhantemente a elas, poderão ter uma interpretação literal ou metafórica se enquadrada nos contextos adequados.

A este processo de “retorno às origens” de uma expressão idiomática em expressão metafórica (após ter sofrido um processo de lexicalização e de assimilação ao sistema da língua, reganha a sua energia criadora e o impulso primeiro que a pôs em circulação), chama Kittay (1987) de processo de reconceptualização. Para em contexto, se determinarem os critérios de identidade referencial transconceptual, critérios que permitam afirmar que o referente se mantém inalterável, recorre este mesmo autor às teorias da referência anafórica para concluir que a expressão metafórica está em relação directa e vicária com a expressão antecedente ou que a expressão metafórica se relaciona com aquilo que o enunciador pensa ou crê. O conjunto de crenças pertinentes para a interpretação de um referente pode considerar-se como um texto ampliado, isto é, como um conjunto de expressões que, sem serem proferidas, determinam o âmbito pragmático referencial no qual se inscreve a expressão enunciada. A referência metafórica sempre é, segundo esta autora, referência anafórica, quer a sua resolução se faça num espaço intralinguístico ou se faça por indução a partir de inferências acerca dos saberes partilhados e das crenças do enunciador. O que é necessário é que haja o domínio do conjunto de tópicos partilhados pela comunidade leitora sobre o particular.

Os excertos seguintes, retirados da obra em análise, exemplificam esse modo criativo de, a partir da unidade fixa, lexicalizada, convertê-la em expressão metafórica conceptual ou simplesmente em imagem metafórica. Este processo

es intrínsecamente “intencionalista” y de que en los estados mentales se distinguen un contenido proposicional y una fuerza ilocutoria, viene en la secuencia de posiciones anteriores (Searle, 1979) cuando una década antes afirmaba que el significado lingüístico estaba determinado por el sistema de la lengua y el significado comunicativo determinado por el contexto en que se utiliza ese sistema. En lo esencial, lo que se deberá destacar es el significado que el enunciador confiere a sus expresiones lingüísticas concretas en circunstancias particulares de uso, de acuerdo con las condiciones de sinceridad y de satisfacción.

Estos principios pragmáticos orientarán al lector en el juego del descubrimiento de un sistema de implicaciones que muchas veces no se fundamentan en el contenido semántico de la categoría léxica correspondiente, sino en un sistema de tópicos ligados al referido, en una actitud de comprender lo que los personajes y el narrador quieren decir, lo que dicen, si dicen más, o dicen diferente, de lo que sus palabras expresan. Esto vale tanto para las expresiones metafóricas en general como para las expresiones metafóricas convencionales (idiomáticas), expresiones irónicas, actos indirectos de habla.

Limitaremos el análisis del corpus a las expresiones idiomáticas, siendo entendidas estas como primitivos semánticos que no se rigen por el principio de la composicionalidad semántica, pero que resultaron de metáforas que, semejantemente a ellas, podrán tener una interpretación literal o metafórica si encuadra en los contextos adecuados. A este proceso de “retorno a los orígenes” de una expresión idiomática en expresión metafórica (luego de haber sufrido un proceso de lexicalización y de asimilación al sistema de la lengua, recupera su energía creadora y el primer impulso que la puso en circulación), llama Kittay (1987) al proceso de reconceptualización. Para en contexto, si determinaran los criterios de identidad referencial transconceptual, criterios que permitan afirmar que el referente se mantiene inalterable, este mismo autor recurre a las teorías de la referencia anafórica para concluir que la expresión metafórica está en relación directa y vicaria con la expresión antecedente o que la expresión metafórica se relaciona con aquello que el enunciador piensa o cree. El conjunto de creencias pertinentes para la interpretación de un referente se puede considerar como un texto ampliado, es decir, como un conjunto de expresiones que, sin ser pronunciadas, determinan el ámbito pragmático referencial en el cual se inscribe la expresión enunciada. La referencia metafórica siempre es, según esta autora, referencia anafórica, quiere que su resolución se haga en un espacio intralingüístico o se haga por inducción a partir de inferencias acerca de los saberes compartidos y de las creencias del enunciador. Lo que es necesario es que exista el dominio del conjunto de tópicos compartidos por la comunidad lectora sobre el particular. Los siguientes extractos, retirados de la obra analizada,

de reconceptualização implica que a expressão deixa de ter uma estrutura compósita e um significado socialmente fixado para passar a requerer o conhecimento do significado dos seus elementos componentes, de acordo com o contexto de uso.

Em termos cognitivos, e baseados na teoria de relevância de Sperber y Wilson (1986), que consideram a metáfora como um caso extremo de uso interpretativo, podemos ver neste processo transformacional a repercussão na criação de um conceito *ad hoc* que contribui para a explicatura do enunciado em termos de quantidade de informação que agora é permitido incrementar por meio de inferências:

Ainda meia hora não tinha passado quando o presidente, inquieto, sugeriu a um dos vogais que fosse espreitar a ver se vinha alguém, se calhar apareceram eleitores, mas *deram com o nariz na porta que o vento havia fechado*, e logo se foram dali a protestar (Saramago, 2004: 14)

A expressão “dar com o nariz na porta”, como expressão convencionalizada que é, tem um sinónimo no sistema da língua que se pode parafrasear como “não encontrar alguém ou alguma coisa no lugar onde era suposto estar”. O pronome relativo “que” ao retomar como antecedente não toda a expressão idiomática mas somente o segmento “porta” para o fazer figurar como objecto directo da oração relativa, desestrutura o compósito da expressão idiomática que assim deixa de o ser, transformando-a novamente numa expressão de raiz metafórica. Com este procedimento, está aberto, de forma mais ampla, o enfoque cognitivo da comunicação humana.

É este o meu plano, disse, submeto-o ao vosso exame e à vossa discussão, mas escusado seria dizê-lo, conto que seja aprovado por todos, *os grandes males podem grandes remédios*, e se é verdade que *o remédio* que vos proponho é doloroso, *o mal* que nos ataca é simplesmente mortal. (Saramago, 2004: 78)

A expressão “os grandes males pedem grandes remédios” sendo uma variante da expressão idiomática “para grandes males, grandes remédios” não deixa de ser também uma expressão idiomática devido à conexão directa e regular e ao grau de convencionalização. Também aqui se verifica a metaforização dos conceitos “remédio” e “mal” por meio da atribuição de uma estrutura semântica. Para captar estes atributos metafóricos a partir de expressões estereotípicas, o leitor terá de reconhecer a intenção comunicativa, a que Grice (1989) chamou significado do falante e Sperber y Wilson (1986) intenção comunicativa. O que é relevante destacar é que o intencionalmente comunicado comporta a combinação

ejemplifican ese modo creativo de, a partir de la unidad fija, lexicalizada, convertirla en expresión metafórica conceptual o simplemente en imagen metafórica. Este proceso de reconceptualización implica que la expresión deja de tener una estructura compósita y un significado socialmente fijado para pasar a requerir el conocimiento del significado de sus elementos componentes, de acuerdo con el contexto de uso.

En términos cognitivos, y basados en la teoría de relevancia de Sperber y Wilson (1986), que consideran la metáfora como un caso extremo de uso interpretativo, podemos ver en este proceso transformacional la repercusión en la creación de un concepto *ad hoc* que contribuye a la explicatura del enunciado en términos de cantidad de información que ahora es permitido incrementar por medio de inferencias:

No había pasado todavía media hora cuando el presidente, inquieto, le sugirió a uno de los vocales que fuera a vigilar a ver si venía alguien, ser oportuno si aparecían electores, *pero le dieron en la nariz con la puerta que el viento había cerrado*, y luego se fueron de allí a protestar (Saramago, 2004: 14).

La expresión “dar con la puerta en la nariz”, como expresión convencional que es, tiene un sinónimo en el sistema de la lengua que se puede parafrasear como “no encontrar a alguien o alguna cosa en el lugar donde se suponía que debería estar”. El pronombre relativo “que” al retornar como antecedente no toda la expresión idiomática sino apenas el segmento “puerta” para hacerlo figurar como objeto directo de la oración relativa, desestructura el compósito de la expresión idiomática que así deja de serlo, transformándola nuevamente en una expresión de raíz metafórica. Con este procedimiento, está abierto, de forma más amplia, el enfoque cognitivo de la comunicación humana.

Este es mi plan, dice, lo someto a vuestro examen y a vuestra discusión, pero escusado sería decirlo, cuento que sea aprobado por todos, *los grandes males pueden grandes remedios*, y si es verdad que *el remedio* que os propongo es doloroso, *el mal* que nos ataca es simplemente mortal. (Saramago, 2004: 78).

La expresión “los grandes males pueden grandes remedios” siendo una variante de la expresión idiomática “para grandes males, grandes remedios” no deja de ser también una expresión idiomática debido a la conexión directa y regular y al grado de convencionalización. También aquí se verifica la metaforización de los conceptos “remedio” y “mal” por medio de la atribución de una estructura semántica. Para captar estos atributos metafóricos a partir de expresiones estereotipadas, el lector tendrá que reconocer la intención comunicativa, la que Grice (1989) llamó significado del hablante y Sperber y

de três elementos sem os quais não se gera eficazmente comunicação: um significado linguístico, um contexto e um princípio, o da pertinência, que permitam seleccionar o contexto oportuno e obter o sentido comunicado.

Mudar de lugar as palavras representa, muitas vezes, mudar-lhes o sentido, mas elas, as palavras ponderadas uma por uma, continuam, fisicamente, se assim posso exprimir-me, a ser exactamente o que haviam sido, e portanto, Nesse caso, permita-me que o interrompa, senhor primeiro-ministro, quero que fique claro que a responsabilidade das mudanças de lugar e de sentido das minhas palavras é unicamente sua, eu não *meti para aí prego nem estopa*. Digamos que *pôs a estopa* e eu *contribuí com o prego*, e que *a estopa e o prego* juntos me autorizam a afirmar que o voto em branco é uma manifestação de cegueira tão destrutiva como a outra. (Saramago, 2004: 176)

“Não meter prego nem estopa” tem por sinónimo, no sistema da língua “não ter responsabilidade no facto”. Também neste caso, se subverteu o grau de convencionalidade do conceito histórico e cultural da expressão em apreço. Recupera-se da expressão idiomática os termos “estopa” e “prego” e, ao mesmo tempo que se suspende a sua função referencial, contrasta-se o seu significado metafórico. A conexão entre os dois termos deixou de ser directa entre ambos a passa agora a exigir a mediação de uma representação semântica mental (Bustos, 2000) entre aquilo que se diz e aquilo que se tem a intenção de dizer. Prova-se assim que o enunciado nunca está codificado e que só uma parte do que se comunica depende do significado linguístico dos enunciados. O restante depende da capacidade inferencial graças aos conhecimentos do mundo.

Também nesta obra se recorre a outros processos de desestruturação de expressões fixas. Agora já não da reconceptualização da expressão idiomática em metáfora, mas de retoma de partes de aforismos ou provérbios como se pode ver nos exemplos seguintes:

Eu cumpro ordens, mas ele é o chefe, não pode estar a dar-nos sinais de desorientação, depois as consequências sofremo-las nós, quando *a onda bate no rochedo, quem paga sempre é o mexilhão*, Tenho muitas dúvidas sobre a propriedade dessa frase, Porque, Porque *os mexilhões* parecem-me contentíssimos quando a água escorre por eles abaixo, Não sei, nunca ouvi rir *os mexilhões*, Pois não só riem, como dão gargalhadas, o barulho das ondas é que não deixa percebê-las, tem que se lhes chegar bem o ouvido, (Saramago, 2004: 245, 246).

Neste aforismo, de origem popular e que tem por sentido “a parte mais fraca é a que fica sempre mais prejudicada” não se pode falar de reconceptualização porque não se trata de decompor, metaforizando, uma unidade linguística

Wilson (1986) intención comunicativa. Es relevante destacar que lo comunicado intencionalmente comporta la combinación de tres elementos sin los cuales no se genera eficazmente la comunicación: un significado lingüístico, un contexto y un principio, el de la pertinencia, que permitan seleccionar el contexto oportuno y obtener el sentido comunicado.

Cambiar de lugar a las palabras representa, muchas veces, cambiarles el sentido, pero ellas, las palabras ponderadas una por una, continúan, físicamente, si así puedo expresarme, siendo exactamente lo que habían sido y, por tanto, En ese caso, permítame que lo interrumpa, señor primer ministro, quiero que quede claro que la responsabilidad de los cambios de lugar y de sentido de mis palabras es únicamente suya, y no *metí ahí clavo ni estopa*. Digamos que *puso la estopa* y yo *contribuí con el clavo*, y que *la estopa* y *el clavo* juntos me autorizan a afirmar que el voto en blanco es una manifestación de ceguera tan destructiva como la otra. (Saramago, 2004:176)

“No meter clavo ni estopa” tiene por sinónimo, en el sistema de la lengua, “no tener responsabilidad en el hecho”. También en este caso, se subvirtió el grado de convencionalidad del concepto histórico y cultural de la expresión en aprecio. Se recupera de la expresión idiomática los términos “estopa” y “clavo” y, al mismo tiempo que se suspende su función referencial, se contrasta su significado metafórico. La conexión entre los dos términos dejó de ser directa entre ambos al pasar ahora a exigir la mediación de una representación semántica mental (Bustos, 2000) entre aquello que se dice y aquello que se tiene la intención de decir. Se prueba sí que el enunciado nunca está codificado y que solo una parte de lo que se comunica depende del significado lingüístico de los enunciados. El resto depende de la capacidad inferencial gracias a los conocimientos del mundo.

También en esta obra se recurre a otros procesos de desestructuración de expresiones fijas. Ya no de la reconceptualización de la expresión idiomática en metáfora, sino de retoma de partes de aforismos o proverbios, como se puede ver en los siguientes ejemplos:

Yo cumplo órdenes, pero él es el jefe, no puede estar dándonos señales de desorientación, después las consecuencias las sufrimos nosotros, cuando *la ola golpea en la roca, quien paga siempre es el mejillón*, Tengo muchas dudas sobre la propiedad de esa frase, Por qué, Porque los *mejillones* me parecen contentísimos cuando el agua se desliza por debajo de ellos, No sé, nunca vi reír a los *mejillones*, Pues no solo ríen, sino que dan carcajadas, el ruido de las olas es el que no deja percibirles, tienen que llegarles bien al oído, (Saramago, 2004: 245, 246).

En este aforismo, de origen popular y que tiene por sentido “la parte más débil es la que queda siempre más perjudicada” no se puede hablar de recon-

compósita. Trata-se antes de retomar os termos de uma unidade que, embora fixa, se rege pelo princípio da composicionalidade semântica. O resultado, no entanto, não deixa de ser perlocutivamente metafórico, dado o convite ao leitor para fazer ver uma realidade (os grandes precisam dos mais pequenos – os mexilhões) em termos de outra para sobreviver (os pequenos - os mexilhões – são sempre os prejudicados). O destaque e a ênfase em determinados segmentos linguísticos do provérbio proporcionam um determinado significado de processamento, não só em função da obtenção das explicaturas e implicaturas do enunciado onde se inserem estas formas, mas também em termos de determinação da relação do processo descrito aqui como os outros processos descritos no discurso romanescos em geral.

[...] veremos se neste caso se confirma o antigo ditado *Quem fez a panela fez o testo para ela*, *De panelas* se trata então, senhor comissário, perguntou em tom irónico a mulher do médico, *De testos*, minha senhora, *de testos*, respondeu o comissário ao mesmo tempo que se retirava, aliviado por a adversária lhe ter fornecido a resposta para uma saída mais ou menos airosa. Tinha uma leve dor de cabeça (Saramago, 2004: 238)

Também aqui, o recurso ao provérbio serve para, a partir de um significado literal aberto, universal e enunciado com um valor de verdade, canalizar um uso específico metafórico que as retomas “panelas” e “testos” deixam adivinhar. Embora surja como imagem metafórica isolada a um contexto muito específico (o da mulher que durante a epidemia geral de cegueira branca de há quatro anos, não ter cegado, enquanto toda a gente cegou), a projecção metafórica não deixa de se alimentar de crenças dentro de um sistema culturalmente partilhado. Só assim o leitor conseguirá reconstruir a intencionalidade comunicativa através do enunciado linguístico para aceder ao extralinguístico, isto é, ao conhecimento das realidades relacionadas entre si. Estes enunciados ecóicos onde se inserem os provérbios, os aforismos apresentam-se nesta obra como representações de estados mentais atribuídos a um enunciador colectivo mas que se reproduzem literalmente para depois daí enfatizar pertinente e metaforicamente casos específicos que o contexto actualiza.

Estes processos de reconceptualização e retoma metafórica que atravessam todo o texto saramagueano não se podem conceber fora de uma teoria da referência e fora de uma teoria da anáfora (Brandson, 1984). Se comumente se aceita o princípio de que as expressões metafóricas não têm uma relação referencial directa com a realidade então há que prever que a resolução para a compreensão da metáfora, em situação intralinguística, passa pela sua

ceptualización porque no se trata de descomponer, metaforizando, una unidad lingüística compósita. Se trata antes de retomar los términos de una unidad que, aunque fija, se rige por el principio de la composicionalidad semántica. El resultado, en tanto, no deja de ser perlocutivamente metafórico, dada la invitación al lector para hacerle ver una realidad (los grandes necesitan de los más pequeños: los mejillones) en términos de otra para sobrevivir (los pequeños –los mejillones– siempre son los perjudicados). El realce y el énfasis en determinados segmentos lingüísticos del proverbio proporcionan un determinado significado de procesamiento, no solo en función de obtener las explicaturas e implicaturas del enunciado donde se inserten estas formas, sino también en términos de determinación de la relación del proceso descrito aquí como los otros procesos descritos en el discurso novelesco en general.

[...] veremos si en este caso se confirma el antiguo dictado *Quien hace la olla hace el tiesto para ella*, *De ollas* se trata entonces, señor comisario, preguntó en tono irónico la mujer del médico, *De tiestos*, mi señora, *de tiestos*, respondió el comisario al mismo tiempo que se retiraba, aliviado porque la adversaria le había suministrado la respuesta para una salida más o menos airosa. Tenía un leve dolor de cabeza (Saramago, 2004: 238)

También aquí, el recurso al proverbio sirve para, a partir de un significado literal abierto, universal y enunciado con un valor de verdad, canalizar un uso específico metafórico que las retomas “olla” y “tiestos” dejan adivinar. Aunque surjan como imagen metafórica aislada a un contexto muy específico (el de la mujer que durante la epidemia general de la ceguera blanca de hace cuatro años, no fue cegada, mientras que toda la demás gente sí), la proyección metafórica no deja de alimentarse de creencias dentro de un sistema culturalmente compartido. Solo así el lector logrará reconstruir la intencionalidad comunicativa a través del enunciado lingüístico para acceder al extralingüístico, es decir, al conocimiento de las realidades relacionadas entre sí. Estos enunciados ecoicos donde se insertan los proverbios, los aforismos se presentan en esta obra como representaciones de estados mentales atribuidos a un enunciador colectivo pero que se reproducen literalmente para después de ahí enfatizar pertinente y metafóricamente casos específicos que el contexto actualiza. Estos procesos de reconceptualización y retoma metafórica que atraviesan todo el texto saramagueano no se pueden concibir fuera de una teoría de la referencia y fuera de una teoría de la anáfora (Brandom, 1984). Si comúnmente se acepta el principio de que las expresiones metafóricas no tienen una relación referencial directa con la realidad, entonces hay que prever que la resolución para la comprensión de la metáfora, en situación

subordinação e ligação a outras formas de referência, no caso presente à referência literal.

Os exemplos seguintes mostram como a interpretação da metáfora é anafórica e a sua forma de referir é vicária:

Além da humidade que *tornava mais espessa a atmosfera*, já de si pesada por ser interior a sala [...], empregando a comparação vernácula, *cortava-se à faca*. (Saramago, 2004: 11)

O segmento “cortava-se à faca”, embora seja uma expressão idiomática conectada com o sentido literal de “susceptível de causar melindres”, de “ferir sensibilidades várias”, aqui assume foros de metaforicidade uma vez que a sua anaforização com o segmento “cortava-se à faca” se substitui ao antecedente “tornava espessa a atmosfera”. Depois da retoma, “a espessura” torna-se ambígua e tanto se pode enquadrar numa atmosfera psicológica ou física ou em ambas. Os dois segmentos linguísticos “tornava mais espessa a atmosfera” e “cortava-se à faca” quando considerados isoladamente, integrados no sistema da língua ou contextualizados no discurso, têm um determinado significado. Quando relacionados entre si por um processo de ligação antecedente-consequente o esquema semântico enriquece-se contextualmente por meio de implicaturas que, como se sabe, o que conta não são as condições de verdade, mas o que intencionalmente é comunicado.

O código genético disso a que, sem pensar muito, nos temos contentado em chamar *natureza humana*, não se esgota na hélice orgânica do ácido desoxirribonucleico, ou adn, tem muito mais que se lhe diga e muito mais para nos contar, mas essa, por dizê-lo de maneira figurada, é *a espiral complementar* que ainda não conseguimos *fazer sair do jardim-de-infância*, apesar da multidão de psicólogos e analistas das mais diversas escolas e calibres que têm *partido as unhas* a tentar *abrir-lhes os ferrolhos*, (Saramago, 2004: 31)

Das expressões metafóricas “a espiral complementar”, “fazer sair do jardim-de-infância” e “psicólogos e analistas [...] têm partido as unhas a tentar abrir-lhes os ferrolhos” só se retiram os seus efeitos interpretativos se assumirmos que tais expressões se referem metaforicamente ao que se refere literalmente “a natureza humana” em virtude dessa relação anafórica que os une. Convém notar, e estas citações são exemplo de que essa relação anafórica se faz com um antecedente expresso e que esse antecedente é um referente literal. No primeiro caso “espessa atmosfera” e no segundo “a natureza humana”. Em ambos os casos, a metáfora anafórica recobra a sua interpretação directamente

intralingüística pasa por su subordinación y relación a otras formas de referencia, en el caso presente a la referencia literal.

Los ejemplos siguientes muestran cómo la interpretación de la metáfora es anafórica y su forma de referir es vicaria:

Más allá de la humedad que *tornaba más espesa la atmósfera*, ya de por sí pesada por ser interior la sala [...], empleando la comparación vernácula, *se cortaba con el cuchillo*. (Saramago, 2004: 11)

El segmento “se cortaba con el cuchillo”, aunque sea una expresión idiomática conectada con el sentido literal de “susceptible de causar melindres”, de “herir varias susceptibilidades”, aquí asume visos de metaforicidad una vez que su anaforización con el segmento “se cortaba con el cuchillo” substituye al antecedente “se tornaba espesa la atmósfera”. Después de la retoma, “la espesura” se torna ambigua y tanto se puede encuadrar en una atmósfera psicológica o física, o ambas. Los dos segmentos lingüísticos “tornaba más espesa la atmósfera” y “se cortaba con el cuchillo” cuando son considerados aisladamente, integrados en el sistema de la lengua o contextualizados en el discurso, tienen un determinado significado. Cuando se relacionan entre sí por un proceso de ligación antecedente-consecuente el esquema semántico se enriquece contextualmente por medio de implicaturas que, como se sabe, lo que cuenta no son las condiciones de verdad, sino lo que es intencionalmente comunicado.

El código genético de eso a que, sin pensar mucho, nos hemos contentado en llamar *naturaleza humana*, no se agota en la hélice orgánica del ácido desoxirribonucleico, o ADN, tiene mucho más que se le diga y mucho más para contarnos, pero esa, por decirlo de manera figurada, es *la espiral complementaria* que todavía no conseguimos *hacer salir del jardín-de-infancia*, a pesar de la multitud de psicólogos y analistas de las más diversas escuelas y calibres que se han *partido las uñas* para intentar *abrirles los cerrojos*, (Saramago, 2004: 31)

De las expresiones metafóricas “la espiral complementaria”, “hacer salir del jardín-de-infancia” y “psicólogos y analistas [...] se han partido las uñas al intentar abrir los cerrojos” solo se retiran sus efectos interpretativos si asumimos que tales expresiones se refieren metafóricamente a lo que se refiere literalmente “la naturaleza humana” en virtud de esa relación anafórica que los une. Conviene anotar, y estas citas son ejemplo de que esa relación anafórica se hace con un antecedente expreso y que ese antecedente es un referente literal. En el primer caso “espesa atmósfera” y en el segundo “la naturaleza humana”. En ambos casos, la metáfora anafórica recobra su interpretación directamente del término lite-

do termo literal antecedente. Mas também o termo antecedente pode ser a expressão metafórica e o termo conseqüente, como se pode apreciar nos exemplos a seguir, surgindo a expressão codificada, literal, em anáfora com ela.

Pois é como lhe digo, este volante ensina muito. Depois de semelhante revelação o comissário achou mais prudente *deixar cair a conversa*. Só quando o motorista parou o carro e disse, Cá estamos, *se animou a perguntar* se aquilo do espelho retrovisor e da alma se aplicava a todos os carros e a todos os condutores (Saramago, 2004: 299)

Peço-lhe desculpa de o ter feito esperar tanto, mas *tinha um assunto entre mãos* e não podia *deixá-lo a meio* (Saramago, 2004: 301)

Lamento, meu caro, que as circunstâncias o tenham *metido neste beco sem saída*. *Alguma saída terá*, mas é certo que neste momento não a vejo (Saramago, 2004: 198)

Aqui nestes enunciados as expressões anafóricas, neste caso numa relação de associação, “se animou a perguntar”, “deixá-lo a meio” e “Alguma saída terá” ligam-se às expressões idiomáticas “deixar cair a conversa”, “tinha um assunto entre mãos” e “metido neste beco sem saída” respectivamente. Este processo coesivo por meio da anáfora que retoma em parte e em associação o antecedente, parece não validar a linha de raciocínio para que aponta o processo inverso – o antecedente é a expressão literal e a anáfora é a expressão metafórica. Esta evidência parece comprovar que, se o antecedente é literal, mesmo que seja uma expressão idiomática, e o conseqüente que o retoma é também literal, eles mantêm-se recursivamente literais, sem marcas de metaforização. Isto terá a ver com a maximização da conduta comunicativa em termos de equilíbrio entre custo e rendimento cognitivos. A metáfora, em termos cognitivos, é de mais complexo processamento que a anáfora de acordo com o princípio da relevância (Sperber y Wilson, 1986). O contrário, como se viu nos exemplos dados, se o antecedente é literal, o conseqüente pode ter marcas metafóricas porque o antecedente tem essa capacidade de contextualizar os mundos possíveis esboçados pela anáfora.

Quando a referência se produz num espaço referencial explícito, tenha ela a forma de antecedente ou anáfora, a interpretação pode ser literal ou anafórico-metafórica, dependendo, neste caso, das premissas implicadas. Em qualquer caso a interpretação tem de ser induzida do conjunto relevante das crenças do enunciador. Estas crenças determinam o âmbito pragmático referencial no qual se inscreve a anáfora. Kittay (1987) chama a esta relação da referência

ral antecedente. Pero también el término antecedente puede ser la expresión metafórica y el término consecuente –como se puede apreciar en los ejemplos que siguen– surgir la expresión codificada, literal, en anaforización con ella.

Pues es como le digo, este volante enseña mucho. Después de semejante revelación el comisario halló más prudente *dejar caer la conversación*. Solo cuando el motorista detuvo el carro y dijo, Acá estamos, *se animó a preguntar* si aquello del espejo retrovisor y del alma se aplicaba a todos los carros y a todos los conductores (Saramago, 2004: 299)

Le pido disculpas por haberlo hecho esperar tanto, pero *tenía un asunto entre manos* y no podía *dejarlo a medias* (Saramago, 2004: 301)

Lamento, mi querido, que las circunstancias lo tengan *metido en este callejón sin salida*. *Alguna salida tendrá*, mas lo cierto es que en este momento no la veo (Saramago, 2004: 198)

En estos enunciados las expresiones anafóricas, en este caso una relación de asociación, “se animó a preguntar”, “dejarlo a medias” y “Alguna salida tendrá” se ligan a las expresiones idiomáticas “dejar caer la conversación”, “tenía un asunto entre manos” y “metido en este callejón sin salida” respectivamente. Este proceso cohesivo por medio de la anáfora que retoma en parte y en asociación al antecedente, parece no validar la línea de raciocinio hacia la que apunta el proceso inverso –el antecedente es la expresión literal y la anáfora es la expresión metafórica. Esta evidencia parece comprobar que, si el antecedente es literal, aunque sea una expresión idiomática, y el consecuente que lo retoma es también literal, ellos se mantienen recursivamente literales, sin marcas de metaforización. Esto tendrá que ver con la metaforización de la conducta comunicativa en términos de equilibrio entre costo y rendimientos cognitivos. La metáfora, en términos cognitivos, es de más complejo procesamiento que la anáfora de acuerdo con el principio de la relevancia (Sperber y Wilson, 1986). Al contrario, como se vio en los ejemplos dados, si el antecedente es literal, el consecuente puede tener marcas metafóricas porque el antecedente tiene esa capacidad de contextualizar los mundos posibles explotados por la anáfora.

Cuando la referencia se produce en un espacio referencial explícito, tenga ella la forma de antecedente o anáfora, la interpretación puede ser literal o anafórica-metafórica, dependiendo, en este caso, de las premisas implicadas. En cualquier caso, la interpretación tiene que ser inducida del conjunto relevante de las creencias del enunciador. Estas creencias determinan el ámbito pragmático referencial en el cual se inscribe la anáfora. Kittay (1987) llama a esta relación

metafórica, anáfora ampliada. Ampliada, no sentido de não depender só da explicatura mas também das implicaturas.

O enunciado seguinte é ainda exemplo disso:

Curiosamente sentia-se leve, desanuviado, como se lhe tivessem extraído de um órgão vital *o corpo estranho* que pouco a pouco o vinha carcomendo, *a espinha na garganta*, *o prego no estômago*, *o veneno no fígado*. Amanhã todas as *cartas do baralho estarão em cima da mesa*, *o jogo do esconde-esconde* terminará porquanto não tem a menor dúvida de que o ministro, no caso de a notícia chegar a sair à luz, e, mesmo não saindo, lhe seja comunicada, saberá contra quem apontar imediatamente o dedo acusador. (Saramago, 2004: 308)

O mundo hipotético introduzido com a expressão *como se* coloca as metáforas “corpo estranho”, “espinha na garganta”, “o prego no estômago”, “o veneno no fígado” ao nível não da verdade ou falsidade da proposição, mas ao nível das intenções e desejos daquele que as produziu. Desta forma, o leitor tem de inferir, por um lado, as premissas implicadas que tais metáforas geram e, por outro, considerar contextualmente a informação expressa para que possa reconstituir um processo interpretativo para uma conclusão implicada. Sendo que essa conclusão passa pela avaliação de um antes pressuposto (“agora sentia-se leve”) de um agora inferido (“como se...”) e de um amanhã expresso (“amanhã... o jogo do esconde...esconde terminará”).

A conjugação entre a pressuposição, a implicatura e a explicatura aliados ao conhecimento do contexto prévio da enunciação ajudam a orientar a interpretação correcta e a estabelecer o princípio da relevância, princípio este que regula a comunicação em termos de custo e de rendimento cognitivos de uma interpretação.

Se o princípio da relevância regula a comunicação, isto significa que as expressões metafóricas podem denotar, referir e conotar, de acordo com os usos que delas se pretende fazer. Questionar a relação do homem com o mundo, em vez de questionar a estrutura do mundo, é o que se outorga à anáfora ampliada em geral e à metáfora em particular. Usos específicos como a argumentação e a ironia cabem nesta apartado.

De facto, nesta obra, o uso da metáfora ao serviço da argumentação põe de manifesto, de forma particularmente relevante, as conexões ou desconexões existentes numa linha de pensamento.

Senão vejamos:

Os votantes do meu partido são pessoas que não se amedrontam por tão pouco, não é gente para ficar em casa *por causa de quatro míseros pingos de água* que caem das nuvens. Na verdade não eram *quatro pingos míseros*, eram *baldes*,

de la referencia metafórica, anáfora ampliada. Ampliada, en el sentido de no depender solamente de la explicatura sino también de las implicaturas.

El siguiente enunciado es aún ejemplo de eso:

Curiosamente se sentía leve, despejado, como si le hubiesen extraído de un órgano vital *el cuerpo extraño* que poco a poco lo venía carcomiendo, *la espina en la garganta, el alfiler en el estómago, el veneno en el hígado*. Mañana, *todas las cartas de la baraja estarán sobre la mesa, el juego del esconde-esconde* terminará por cuanto no tiene la menor duda de que el ministro, en el caso de que la noticia llegue a salir a la luz, y, aunque no salga, le sea comunicada, sabrá contra quien apuntar inmediatamente el dedo acusador. (Saramago, 2004: 308)

El mundo hipotético introducido con la expresión *como si* coloca las metáforas “cuerpo extraño”, “espina en la garganta”, “el alfiler en el estómago”, “el veneno en el hígado” al nivel no de la verdad o la falsedad de la proposición, sino al nivel de las intenciones y deseos de aquel que las produjo. De esta forma, el lector tiene que inferir, por un lado, las premisas implicadas que tales metáforas generan y, por otro, considerar textualmente la información expresa para que pueda reconstituir un proceso interpretativo para una conclusión implicada. Siendo que esa conclusión pasa por la evaluación de un antes presupuesto (“ahora se sentía leve”) de un ahora inferido (“como si”) y de un mañana expreso (“mañana... el juego del esconde... terminará”).

La conjugación entre la presuposición, la implicatura y la explicatura aliados al conocimiento en todo contexto previo de la enunciación ayudan a orientar la interpretación correcta y a establecer el principio de la relevancia, principio este que regula la comunicación en términos de costo y de rendimiento cognitivos de una interpretación.

Si el principio de la relevancia regula la comunicación, esto significa que las expresiones metafóricas pueden denotar, referir y connotar, de acuerdo con los usos que de ellas se pretende hacer. Cuestionar la relación del hombre con el mundo, en vez de cuestionar la estructura del mundo, es lo que se le otorga a la anáfora ampliada en general y a la metáfora en particular. Usos específicos como la argumentación y la ironía caben en este apartado.

De hecho, en esta obra, el uso de la metáfora al servicio de la argumentación pone de manifiesto, de forma particularmente relevante, las conexiones o desconexiones existentes en una línea de pensamiento.

Los votantes de mi partido son personas que no se amedrentan por tan poco, no es gente que se queda en casa *por causa de cuatro míseras gotas de agua* que caen de las nubes. La verdad no eran *cuatro gotas míseras, eran baldes, eran*

eram cântaros, eram nilos, iguazús e iangtsés, mas a fé, abençoada seja ela para todo o sempre, além de *arredar montanhas* do caminho daqueles que do seu poder se beneficiam, é capaz de *atrever-se às águas mais torrenciais e sair delas enxuta*. (Saramago, 2004: 12)

Neste excerto é patente a tensão entre dois pólos. De um lado, a justificação de que não são “quatro míseros pingos de água” que levam a que as pessoas não vão votar; do outro, a replicação de que não eram só “esses míseros pingos de água”, mas muito mais do que isso. Enumeram-se, num crescendo, por meio de expressões metafóricas que remetem a sistemas de coisas (baldes, cântaros, nilos, iguazús, iangtsés) em que a persuasão se fundamenta mais no desencadeamento de emoções que na mobilização de razões. Para daí se concluir que mesmo com “águas torrenciais” aqueles que beneficiam da fé podem sair daí enxutos.

O recurso à imagem metafórica permite a todo o momento a elaboração de objectos construídos com palavras. Em Saramago, a expressão idiomática reganha a sua novidade, a sua energia criadora, o impulso original que primitivamente a pôs em circulação. E assim, o significado convencional da expressão ganha novas e mais excitantes matizes de acordo com os seus usos, neste caso argumentativo:

Garantiram-nos que poderíamos passar sem problemas, e aqui está o brilhante resultado, o governo *pôs-se na alheta*, foi para férias e *deixou-nos entregues aos bichos*, e agora que tínhamos a oportunidade de sair daqui não tem vergonha do nos *fechar a porta na cara*. (Saramago, 2004: 158).

O efeito contextual do emprego da expressão idiomática em contextos argumentativos é o incremento da quantidade de informação que permite inferir e a amplitude de cenários metafóricos que permite instaurar. Assim é neste exemplo da página 158. Parafraseando. O governo prometeu e não cumpriu porque: primeiro “pôs-se na alheta” e “deixou-nos entregues aos bichos”; depois “fecha-nos a porta na cara”. Logo é um governo que não serve.

Embora seja pacificamente aceite que a expressão idiomática releva de um grau maior ou menor de convencionalidade, em contexto literário, como é o caso deste romance, a expressão idiomática é uma ferramenta que cumpre as funções para as quais foi desenhada por Saramago. Como temos vindo a ver, a expressão idiomática assenta bem numa estrutura que tem a argumentação-persuasão como uma finalidade. Como ainda podemos ver nos dois exemplos seguintes:

Antes que o caso chegue à polícia ainda terão de passar alguns dias, e entretanto o tipo *dá com a língua nos dentes*, conta à mulher, aos amigos, capaz mesmo de falar com um jornalista, em suma, *entorna-nos o caldo* (Saramago, 2004: 192).

cántaros, eran nilos, iguazús y yangtzes, pero la fe, bendecida sea ella para todo y para siempre, además de *apartar las montañas* del camino de aquellos que de su poder se benefician, es capaz de *atreverse a las aguas más torrenciales y salir de ellas seco*. (Saramago, 2004: 12).

En este extracto está presente la tensión entre dos polos. De un lado, la justificación de que no son “cuatro míseras gotas de agua” que llevan a que las personas no vayan a votar; del otro, la réplica de que no eran solo “esas míseras gotas de agua”, sino mucho más que eso. Se enumeran, en un crescendo, por medio de expresiones metafóricas que remiten a sistemas de cosas (balde, cántaros, nilos, iguazús, yangtzes) en que la persuasión se fundamenta más en el desencadenamiento de emociones que en la movilización de razones. Para de ahí concluir que incluso con “aguas torrenciales” aquellos que se benefician de la fe pueden salir de ahí secos.

El recurso a la imagen metafórica permite en todo momento la elaboración de objetos construidos con palabras. En Saramago, la expresión idiomática [regana] recupera su novedad, su energía creadora, el impulso original que primitivamente la puso en circulación. Y así, el significado convencional de la expresión gana nuevas y más excitantes matices de acuerdo con sus usos, en este caso argumentativo:

Nos garantizaron que podríamos pasar sin problemas, y aquí está el brillante resultado: el gobierno *se puso en la alheta*, se fue de fiestas y *nos dejó entregados a los bichos*, y ahora que teníamos la oportunidad de salir de aquí no tiene vergüenza de *cerrarnos la puerta en la cara*. (Saramago, 2004: 158)

El efecto contextual del empleo de la expresión idiomática en contextos argumentativos es el incremento de la cantidad de información que permite inferir y la amplitud de escenarios metafóricos que permite instaurar. Así ocurre en este ejemplo de la página 158. Parafraseando. El gobierno prometió y no cumplió porque: primero “se puso en la alheta” y “nos dejó entregados a los bichos”; después “nos cierra la puerta en la cara”. Luego es un gobierno que no sirve.

Aunque pacíficamente acepte que la expresión idiomática releva de un grado mayor o menor de convencionalidad, en un contexto literario, como es el caso de este romance, la expresión idiomática es una herramienta que cumple las funciones para las cuales fue diseñada por Saramago. Como hemos visto, la expresión idiomática se asienta bien en una estructura que tiene la argumentación-persuasión como una finalidad. Como podremos ver en los dos siguientes ejemplos:

[...] quando toda a gente na cidade *andava por aí aos tombos* e a *dar com o nariz nos candeeiros* da rua, e antes que me responda que *uma coisa nada tem a ver com a outra*, eu digo-lhe que *quem fez um cento fará um cento*, pelo menos é esta, ainda que expressada noutros termos, a opinião do meu ministro [...] (Saramago, 2004: 251).

Não é difícil de reconhecer a linha argumentativa que está desenhada por detrás destes enunciados e o valor acrescido, em termos inferenciais, trazido pelas expressões metafóricas.

As inferências que tais expressões desencadeiam e espoletam balizam-se nos conhecimentos cultural e socialmente partilhados. É aqui que reside a estabilidade e a fidelidade das conclusões a extrair e que têm de ser consistentes com o princípio da relevância. Da ironia, um dos outros usos da metáfora neste romance, também se ocupou a teoria da pertinência, ao considerar ser a ironia um caso especial da representação do outro. Na verdade, a característica da ironia reside na consciente e voluntária renúncia do autor à transparência comunicativa. Apreciemos nos exemplos seguintes como é que a metáfora desemboca na ironia:

[...] estamos aqui como náufragos no meio do oceano, *sem vela nem bússola*, *sem mastro nem remo*, e *sem gasoil no depósito* (Saramago, 2004: 16)

Aqui o enunciador subverte a sua própria enunciação ao acrescentar, na mesma linha de raciocínio, às expressões metafóricas genéricas “sem vela nem bússola” e “sem mastro nem remo” a expressão literal “sem gasoil no depósito”. Há como que uma espécie de ruptura entre o que começa e o que acaba realmente por ser enunciado. O equívoco reside na ambiguidade entre o que é assumido e o que é rejeitado pelo enunciador. E o leitor tem de ter consciência disso.

A força subversiva da ironia, que tem como resultado o bloqueamento do princípio de antecipação que sempre se desencadeia no acto de ler, obriga o leitor a, sempre que isso acontece, rectificar a sua leitura.

Vejamos nos dois exemplos seguintes como as expressões metafóricas, dada a sua maior ou menor fixidez, são a condição prévia para o sucesso do jogo irónico:

Votar em branco é um direito irrenunciável, ninguém vo-lo negará, mas, tal como proibimos à crianças que *brinquem com o lume*, também aos povos prevenimos de que vai contra a sua segurança *mexer na dinamite*. [...] Sim senhor, o homem falou bem, resumiu o mais velho da família, e há que reconhecer que tem toda a razão no que disse, *as crianças não devem brincar com o lume* porque depois é certo e sabido que *mijam na cama* (Saramago, 2004: 99, 100)

Antes de que el caso llegue a la policía, todavía habrá de pasar algunos días y, entre tanto, el tipo *da con la lengua en los dientes*, cuenta la mujer, a los amigos, capaz incluso de hablar con un periodista, en suma, *derramarnos la sopa* (Saramago, 2004: 192)

[...] Cuando toda la gente en la ciudad *andaba por ahí a los tumbos* y a *dar con la nariz en los candeleros* de la calle, y antes de que me responda que *una cosa nada tiene que ver con la otra*, yo le digo que *quien hizo un ciento hará un ciento*, por lo menos es esta, aunque expresada en otros términos, la opinión de mi ministro [...] (Saramago, 2004: 251).

No es difícil de reconocer la línea argumentativa que está diseñada por detrás de estos enunciados y el valor aumentado, en términos inferenciales, traído por las expresiones metafóricas.

Las inferencias que tales expresiones desencadenan se limitan en los conocimientos cultural y socialmente compartidos. Es aquí donde reside la estabilidad de las conclusiones para extraer y que tienen que ser consistentes con el principio de la relevancia. De la ironía, uno de los otros usos de la metáfora en este romance, también se ocupó la teoría de la pertinencia, al considerar a la ironía un caso especial de la representación del otro. En verdad, la característica de la ironía reside en la consciente y voluntaria renuncia del autor a la transparencia comunicativa. Apreciemos en los siguientes ejemplos cómo es que la metáfora desemboca en la ironía.

[...] estamos aquí como náufragos en medio del océano, *sin vela ni brújula, sin capitán ni remo, y sin combustible en el depósito* (Saramago, 2004: 16)

Aquí el enunciador subvierte su propia enunciación al acrecentar, en la misma línea de raciocinio, las expresiones metafóricas genéricas “sin vela ni brújula” y “sin capitán ni maestro” la expresión literal “sin combustible en el depósito”.

Hay como una especie de ruptura entre lo que comienza y lo que acaba realmente por ser enunciado. El equívoco reside en la ambigüedad entre lo que es asumido y lo que es rechazado por el anunciador. Es el lector quien debe tener conciencia de eso.

La fuerza subversiva de la ironía, que tiene como resultado el bloqueo del principio de anticipación que siempre se desencadena en el acto de leer, obliga al lector, siempre que eso ocurre, a rectificar su lectura.

Veamos en los dos ejemplos siguientes cómo las expresiones metafóricas, dada su mayor o menor fijeza, son la condición previa para el éxito del juego irónico:

Votar en blanco es un derecho irrenunciable, nadie lo va a negar, pero, tal como prohibimos a los niños que *jueguen con el fuego*, también a los pueblos prevenimos

A minha vontade seria ir aí e dar-lhe *um puxão de orelhas*, Já não estou na idade, senhor ministro, Se alguma vez vier a ser ministro do interior, saberá que *puxões de orelhas* e outras correcções nunca houve limite de idade, *Que não o ouça o diabo*, senhor ministro, *O diabo tem tão bom ouvido* que não precisa que lhe digam as coisas em voz alta, Valha-nos então deus, Não vale a pena, esse *é surdo de nascença*. (Saramago, 2004:111)

A ironia permite operar uma superposição de dois semantismos. De um lado, o sentido mais ou menos fixo e conveniente da expressão (“brincar com o lume” no sentido de “se expor ao perigo”; “dar um puxão de orelhas” significando “chamar a atenção”); do outro, o da sequência manipulada, não fixa, individual (“Que não o ouça o diabo” que significa exprimir um desejo – o de que “tal coisa não aconteça”) e por conseguinte original, essencialmente irónica e alusiva e, por isso, mais rica, mais abrangente e mais carregada de sentidos (no exemplo da página 111, da expressão idiomática “Que não o ouça o diabo” resulta a sequência irónica e mesmo sarcástica de que se “o diabo tem bom ouvido”, “deus é surdo de nascença”).

Colocado o fenómeno da ironia no quadro da polifonia, verifica-se que há subversão que se situa na fronteira entre o que é colectivamente dito e aceite e o que é individualmente desqualificado. A ironia resulta, assim, da paródia entre uma instância e outra, onde são encenadas rupturas e onde a metafóricidade é erigida como traço definatório.

O processo de configuração simbolizante do mundo faz-se através de sistemas de signos. Estes signos conformam-se num jogo de enunciados que significam os factos e os gestos dos seres do mundo. Saramago inicia o jogo colocando no tabuleiro da intriga narrativa enunciados idiomáticos que circulam na comunidade social, sendo aí objecto de partilha e de constituição de um saber comum, particularmente de um saber de crenças e de representações sócio-discursivas. No romance, estes enunciados activam um jogo continuado e que não se esgota porque novos aspectos e novas experiências introduzidos recriam os enunciados dotando-os de âmbitos significativos. Apoderar-se destes enunciados idiomáticos que circulam na comunidade social e deles criar um vasto feixe de intertextos num jogo entre constrangimento e liberdade enunciativa é assumirem-se os enunciadorees da intriga ao mesmo tempo como um eu social, mas também como um eu individual. Neste espaço de estratégia, mobilizam-se processos como os de reconceptualização e de anaforização ampliada.

Estes procedimentos de retoma permitem activar a proeminência de novos atributos que, à partida, não faziam parte da estrutura compósita do enunciado parémico ou metafórico. Tudo isto em resultado da actividade inferencial, concitada pelo universo de crença disponível na situação em que os sujeitos se encontram

de que va contra su seguridad *agitar la dinamita*. [...] Sí, señor, el hombre habló bien, resumió el más viejo de la familia, y hay que reconocer que tiene toda la razón en lo que dice, *los niños no deben jugar con el fuego* porque después *es cierto y sabido que se orinan en la cama* (Saramago, 2004: 99, 100)

Mi voluntad sería ir ahí y darle un *jalón de orejas*, Ya no estoy en edad, señor ministro, Si alguna vez llegara a ser ministro del interior, sabrá que los *jalones de orejas* y otras correcciones nunca tuvieron límite de edad, *Que no lo oiga el diablo*, señor ministro, *el diablo tiene tan buen oído* que no necesita que le digan cosas en voz alta, Entonces, válganos Dios, No vale la pena, ese *es sordo de nacimiento*. (Saramago, 2004: 111)

La ironía permite operar una superposición de dos semantismos. De un lado, el sentido más o menos fijo y conveniente de la expresión (jugar con el fuego” en el sentido de “exponerse al peligro”; “dar un tirón de orejas” significando “llamar la atención”); del otro, el de la secuencia manipulada, no fija, individual (“Que no lo oiga el diablo” que significa expresar un deseo –o de que “tal cosa no ocurra”) y por consiguiente original, esencialmente irónica y alusiva y, por eso, más rica, más incluyente y más cargada de sentidos (en el ejemplo de la página 111, de la expresión idiomática “Que no lo oiga el diablo” resulta la secuencia irónica y también sarcástica de que “el diablo tiene buen oído”, “Dios es sordo de nacimiento”).

Puesto el fenómeno de la ironía en el cuadro de la polifonía, se verifica que hay subversión que se sitúa en la frontera entre lo que es dicho colectivamente y aceptado y lo que es individualmente descalificado. La ironía resulta, así, de la parodia entre una instancia y otra, donde la metafóricidad es erigida como trazo definitorio.

El proceso de configuración simbolizante del mundo se hace a través de sistemas de signos. Estos signos se conforman en un juego de enunciados que significan los hechos y los gestos de los seres del mundo. Saramago comienza el juego colocando en el tablero de la intriga narrativa enunciados idiomáticos que circulan en la comunidad social, siendo ahí objeto de reparto y de constitución de un saber común, particularmente de un saber de creencias y de representaciones sociodiscursivas.

En la novela, estos enunciados activan un juego continuado y que no se agota porque nuevos aspectos y nuevas experiencias introducidos recrean los enunciados dotándolos de ámbitos significativos. Apoderarse de estos enunciados idiomáticos que circulan en la comunidad social y de ellos crear un vasto manojito de intertextos en un juego entre coacción y libertad enunciativa y se asumieran los enunciadore de la intriga al mismo tiempo como un yo social, pero también como un yo individual. En este espacio de estrategia, se movilizan procesos como los de reconceptualización y de anaforización ampliada.

e que, dependente da sua subjectividade, tem de ser fundado por eles. Obtidos outros efeitos de sentido por um processo de implicatura, verifica o leitor que a calibragem das emoções, sendo parte integrante da competência comunicativa, discursiva e estética nos processos de codificação e de descodificação impõem directrizes aos planos e estratégias de comportamento dos actores em presença.

Ao criar novas analogias entre o tópico e o veículo, recriam-se novas representações mentais semânticas e, a par disto, percorre-se o caminho inverso: o retorno do idiomático ao metafórico. Esta observação vem confirmar a ideia de que a característica da expressão metafórica não reside na sua natureza semântica especial, mas no uso especial que se faz dela. E no romance *Ensaio Sobre a Lucidez*, o uso da metáfora amplia-se e alarga a projecção dos seus temas, forçando os limites expressivos da linguagem na construção de novos conhecimentos culturalmente não convencionalizados, de acordo com o grau de criatividade accionado.

E esta capacidade de criatividade e de permanência das palavras e das expressões mudarem na continuidade é também uma marca de consciência dos interlocutores da narrativa em questão:

É interessante observar, disse [o ministro dos negócios estrangeiros], como os significados das palavras se vão modificando sem que nos apercebamos, como tantas vezes as utilizamos para dizer precisamente o contrário do que antes expressavam e que, de certo modo, como um eco que se vai perdendo, continuam ainda a expressar, Esse é um dos efeitos do processo semântico, disse lá do fundo o ministro da cultura. (Saramago, 2004:63).

Referencias

- Achard-Bayle, G. (2001). *Grammaire des métamorphoses, Référence, identité, changement, fiction*. Paris. Duculot.
- Brandom, R. (1984). «Reference explained away». *Journal Philosophy*, 81, 9, pp. 462-492.
- Bustos, E. de (2000). *La Metáfora, Ensayos transdisciplinares*. Madrid. UNED.
- Cohen, L. J. (1979). «The semantics of metaphor». In A. Ortony. *Metaphor and thought*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Cosnier, J. (1994). *Psychologie des émotions et des sentiments*. Paris. Retz – Nathan.
- Eco, U. (1984). *Semiotics and the Philosophy of language*. London. McMillan Press.
- Grice, H. P. (1989). *Studies in the way of words*. Cambridge. Harvard University Press.
- Kittay, E. F. (1987). *Metaphor*. Oxford. Clarendon Press.
- Lakoff, G. Y.M. Johnson (1980). *Metaphors we live by*. Chicago. University of Chicago Press.

Estos procedimientos de retoma permiten activar la prominencia de nuevos atributos que no hacían parte de la estructura compósita del enunciado parémico o metafórico. Todo esto como resultado de la actividad inferencial, concitada por el universo de creencia disponible en la situación en que los sujetos se encuentran y que, dependiendo de su subjetividad, tiene que ser fundado por ellos. Obtenidos otros efectos de sentido por un proceso de implicatura, el lector verifica que el calibre de las emociones, al ser parte integrante de la competencia comunicativa, discursiva y estética en los procesos de codificación y de descodificación imponen directrices a los planos y estrategias de comportamiento de los actores en presencia.

Al crear nuevas analogías entre el tópico y el vehículo, se recrean nuevas representaciones mentales semánticas y, a partir de esto, se recorre el camino inverso: el retorno del idiomático al metafórico. Esta observación confirma la idea de que la característica de la expresión metafórica no reside en su naturaleza semántica especial, sino en el uso especial que se hace de ella. Y en la novela *Ensaio sobre la lucidez*, el uso de la metáfora se amplía y alarga la proyección de sus temas, forzando los límites expresivos de la lengua en la construcción de nuevos conocimientos culturalmente no convencionalizados, de acuerdo con el grado de creatividad accionado.

Y esta capacidad de creatividad y de permanencia de las palabras y de las expresiones que cambian en la continuidad es también una marca de conciencia de los interlocutores de la narrativa en cuestión.

Es interesante observar, dice [el ministro de negocios extranjeros], cómo los significados de las palabras se van modificando sin que nos apercebamos, como tantas veces las utilizamos para decir precisamente lo contrario de lo que antes expresaban y que, de cierto modo, como un eco que se va perdiendo, aún siguen expresando, Ese es uno de los efectos del proceso semántico, dice allá en el fondo el ministro de la cultura. (Saramago, 2004: 63)

- . (1999). *Philosophy in the Flesh: way the discovery in cognitive science of the embodied mind and metaphorical thought leads to experiential philosophy and to a new understanding of what it means to be a human being*. Chicago. Chicago University Press.
- Rumelhart, D. (1979). «Some problems with the notion of literal meaning». In A. Ortony. *Metaphor and thought*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Saramago, J. (2004). *Ensaio Sobre a Lucidez*. Lisboa. Caminho. 1ª edição.
- Searle, J. (1979). *Expression and meaning*. Cambridge. Cambridge University Press.
- . (1983). *Intentionality: an Essay in the Philosophy of Mind*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Sperber, D. I. YD. Wilson. (1996). *Relevance*. Oxford. Blackwell.